

# Negação de atos de fala no português brasileiro por meio de “não”: uma visão da Gramática Discursivo-Funcional

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i1.3835>

**Gabriel Henrique Galvão Passetti<sup>1</sup>**  
**Erotilde Goreti Pezatti<sup>2</sup>**

## Resumo

Este estudo analisa a negação de atos de fala expressa por “não” no português brasileiro. Como referencial teórico, adota-se a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008). Ao tratar da negação, os autores (2018) denominam Rejeição a negação de atos de fala, ou, nos termos da GDF, negação de Ato Discursivo (A-negação). O objetivo é correlacionar as propriedades funcionais da A-negação a seus aspectos formais. O método de análise é dedutivo-indutivo, de caráter qualitativo. Os resultados mostram que A-negação é um Ato Discursivo Interativo, com ilocução nucleada pela Ação Lexical “não”, que rejeita qualquer tipo de Ato Discursivo, exceto Expressivo, sendo codificada diretamente no Nível Fonológico como um Enunciado. Ao propor uma definição mais precisa e abrangente da A-negação, este trabalho busca contribuir para o aperfeiçoamento do modelo da GDF.

**Palavras-chave:** negação; ato de fala; Gramática Discursivo-Funcional.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; gabriel.galvao@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-5001-6666>

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; erotilde.pezatti@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-8822-9587>

# **Negation of speech acts in Brazilian Portuguese using “não”: a Functional Discourse Grammar view**

## **Abstract**

This study analyzes the negation of speech acts expressed by “não” in Brazilian Portuguese. The Functional Discourse Grammar (FDG) by Hengeveld and Mackenzie (2008) is used as a theoretical framework. When dealing with negation, the authors (2018) call the negation of speech acts Rejection, or, in the terms of the FDG, negation of Discourse Act (A-negation). The objective is to correlate the functional properties of A-negation with its formal aspects. The method of analysis is deductive-inductive and qualitative. The results show that A-negation is an Interactive Discourse Act, with an Illocution centered on the Lexical Deed ‘no’, which rejects any type of Discourse Act, except Expressive. It is directly encoded at the Phonological Level as an Utterance. By proposing a more precise and comprehensive definition of A-negation, this work seeks to contribute to the improvement of the FDG model.

**Keywords:** negation; speech act; Functional Discourse Grammar.

## **Introdução<sup>3</sup>**

Segundo Horn (2001), todos os sistemas humanos de comunicação preveem a existência da negação. O caráter universal desse fenômeno tem despertado o interesse de estudiosos da linguagem desde os estudos de Platão e de Aristóteles até os dias atuais. Entretanto, a forma como o tema é abordado distancia o estudo da negação em línguas naturais dos trabalhos desenvolvidos pelos lógicos. Se, na lógica, há uma relação simétrica entre afirmação e negação, sendo a negação entendida como um operador que atua sobre o valor de verdade de uma proposição, isso não se observa nas línguas naturais.

A negação que inverte o valor de verdade de uma proposição é apenas um tipo de negação descrito por Hengeveld e Mackenzie (2018). Os autores elencam uma série de negações, que incidem sobre diversas camadas previstas pela Gramática Discursivo-Funcional (GDF), tanto do Nível Representacional, concernente à semântica, como do Nível Interpessoal, que diz respeito à pragmática.

A negação formulada no Nível Representacional é descritiva e submetida a condições de verdade (*truth-conditional*), desde a negação que inverte o valor de verdade de uma

---

<sup>3</sup> Este artigo divulga parte dos resultados da tese de doutorado de Galvão Passetti (2025).

proposição, denominada Discordância, até a negação de lexema, denominada Antônimo, em que um processo de derivação indica o contrário do sentido de um lexema.

A negação do Nível Interpessoal, por outro lado, não é descritiva, mas sim acional, ou seja, não é submetida a condições de verdade (*non-truth-conditional*), o que significa que ela não expressa significado negativo em sentido estrito, já que não descreve o mundo externo, conforme faz a negação semântica, mas representa uma ação que, em si mesma, contém um valor negativo.

É esse tipo de negação que este trabalho investiga, especificamente a negação acional no português brasileiro (doravante PB) marcada por “não” que ocorre no exemplo (1).

1. aí ele falô(u) – “eu vô(u) pegá(r) minha RO(u)pa e vô(u) tomá(r) banho já e:: passo aqui né? po... pra mim í(r) embora... – “FICA AQUI COM AS MENINA” – ... eu falei – “**não** eu também vô(u) em casa tomá(r) banho” [AI-001; CAS: L. 13]

A negação acional em (1) rejeita o ato de fala “fica aqui com as menina”. O mesmo ocorre em (2), outro exemplo de negação de Ato Discursivo (doravante A-negação).

2. Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):  
A: Go home! (“Vá para casa!”)  
B: No! (“Não!”)

Tanto em (1) como em (2), “não” e “no” servem para o Participante B reagir ao Ato Discursivo (A) executado pelo Participante A. Por ser uma ação, a A-negação não deve ser entendida como a não execução ou o desfazimento de um Ato Discursivo. Hengeveld e Mackenzie (2018) apontam para essa característica ao discorrerem sobre negações acionárias, afirmando que “um falante não pode, ao mesmo tempo, realizar uma ação e negar que a está realizando” (p. 35, tradução própria)<sup>4</sup>. Nesse sentido é que os autores definem a A-negação como negação acional, distinguindo-a da proposicional, ambas marcadas por “no” em inglês (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 148-149; 2018, p. 36), conforme exemplificam (3) e (4), respectivamente.

3. Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):  
A: Did John go home? (“João foi para casa?”)  
B: No (he didn’t). (“Não (ele não foi).”)
4. Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

---

4 No original: “A speaker cannot at the same time carry out an action and negate that he/she is doing so [...]”

A: Go home! ("Vá para casa!")

B: No!/Forget it!/Get lost! (I don't accept your order.) ("Não!/Sai fora!/Nem vem! (eu não aceito sua ordem.)")

Em (3), "no" especifica o valor de verdade de um Conteúdo Proposicional, colocado em questionamento pelo Participante A. Em (4), por outro lado, "no" serve para o Participante B rejeitar o Ato Discursivo Imperativo "Go home!", já que o Participante A, na concepção do Participante B, não está em posição de lhe dizer o que fazer, ou seja, de lhe dar uma ordem. A partir dessa explicação, oferecida por Hengeveld e Mackenzie (2018), pode-se definir a A-negação como a rejeição de um ato de fala imperativo baseada na relação assimétrica entre os Participantes do discurso.

Para se rejeitar um Ato Discursivo, há várias opções (cf. 4B), que não podem ser usadas para especificar a polaridade negativa de um Conteúdo Proposicional (cf. 5B).

5. Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

A: Did Peter go home? ("Peter foi para casa?")

B: No!/\*Forget it!/\*Get lost! ("Não!/\*Sai fora!/\*Nem vem!")

Esse, portanto, é um teste profícuo para distinguir a A-negação, e foi o utilizado para selecionar os dados deste trabalho, como a ocorrência em (1), repetida por conveniência em (6), em que "não" pode ser substituído por "nem vem!".

6. aí ele falô(u) – “eu vô(u) pegá(r) minha RO(u)pa e vô(u) tomá(r) banho já e:: passo aqui né? po... pra mim í(r) embora... – “FICA AQUI COM AS MENINA” – ... eu falei – “não/[**nem vem!**] eu também vô(u) em casa tomá(r) banho” [AI-001; CAS: L. 13]

Como evidenciado em (6), a A-negação nega a realização de um Ato Discursivo, ou seja, desautoriza um Ato Discursivo anteriormente proferido, sendo denominada Rejeição por Hengeveld e Mackenzie (2018) e representada como (7).

7. Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

(A<sub>1</sub>: no (A<sub>1</sub>))

A representação em (7) mostra que a A-negação é formulada como um Ato Discursivo que tem por função rejeitar outro Ato Discursivo anteriormente executado no discurso. Em (7), no entanto, não são oferecidas outras propriedades desse Ato Discursivo, como, por exemplo, que unidade, **núcleo** desse Ato Discursivo, "no" compõe.

Além de responder a essa pergunta, o objetivo deste trabalho é investigar a A-negação no PB de modo a correlacionar suas propriedades funcionais às formais sob a ótica da GDF. Os dados são coletados de páginas da web sediadas no Brasil, com exceção de (1), única ocorrência de A-negação encontrada no *corpus* Iboruna (Gonçalves, s.d.). O método de análise, por sua vez, é dedutivo-indutivo, de caráter qualitativo.

A hipótese é a de que, na A-negação, “não” é formulado, no Nível Interpessoal, como um Ato Discursivo Interativo, que é codificado diretamente no Nível Fonológico por um Enunciado, contornando os níveis Representacional e Morfossintático.

Para cumprir o objetivo e verificar a validade da hipótese, o texto está estruturado da seguinte forma: primeiramente, expõe-se o referencial teórico adotado, a GDF; na sequência, define-se Ato Discursivo; em seguida, elencam-se as Ilocuções abstratas que Atos Discursivos apresentam no PB; dadas as definições necessárias, passa-se à análise e discussão dos dados; por fim, tecem-se as considerações finais deste estudo.

## **A Gramática Discursivo-Funcional**

Proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF, que é um desenvolvimento da GF postulada por Dik (1997a, 1997b), mantém, em seu modelo teórico, a natureza situada da comunicação linguística, ou seja, apresenta inter-relação entre linguagem e contexto. Essa inter-relação é expressa pelo Componente Conceptual, pelo Componente Contextual e pelo Componente Articulatório. Esses componentes dão compatibilidade à GDF com uma teoria mais ampla da interação verbal.

O Componente Conceptual é pré-linguístico e responsável pelo desenvolvimento tanto da intenção comunicativa do evento de fala como das conceptualizações associadas relativas a eventos extralingüísticos relevantes, sendo, dessa forma, a força motriz por trás do Componente Gramatical (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 44), incluindo apenas os aspectos da cognição que afetam a intenção comunicativa imediata.

O Componente Articulatório, por sua vez, é o responsável por gerar as expressões linguísticas (acústicas, escritas ou de sinais) com base na informação fornecida pelo Componente Gramatical. Sua função é traduzir a “informação digital (isto é, categorial, baseada em oposição) na gramática para uma forma analógica (isto é, continuamente variável)” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 45).

A Gramática Discursivo-Funcional busca compreender a estrutura das expressões linguísticas em seu contexto discursivo, embora não seja um modelo analítico-discursivo. Assim, a GDF leva em conta o contexto discursivo, já que a intenção do Falante não surge no vácuo, mas num contexto comunicativo multifacetado. Esse contexto é capturado pelo

Componente Contextual, compartilhado e construído conjuntamente pelos interlocutores à medida que a troca comunicativa acontece.

Abrigando apenas informações relevantes para a forma dos enunciados, a GDF adota o que Butler (2008) chama de “postura conservadora” para o Componente Contextual (cf. Connolly, 2007; Alturo; Keizer; Payrato, 2014; Hengeveld; Mackenzie, 2014). Esse acervo de informações, de curto e de longo prazo, alimenta e é alimentado pelas operações de formulação e de codificação do Componente Gramatical, que, por sua vez, constitui a gramática de uma língua natural. As operações de formulação convertem a intenção comunicativa em representações pragmáticas, no Nível Interpessoal (NI), e semânticas, no Nível Representacional (NR), que, em seguida, são convertidas em representações morfossintáticas e fonológicas nos níveis Morfossintático (NM) e Fonológico (NF), respectivamente, por meio das operações de codificação.

Os níveis que formam o Componente Gramatical são estruturados, cada qual, ao seu modo. O que têm em comum é que são todos dispostos em camadas. Cada camada é composta de um núcleo ( $h, H$ ), que pode ser restringido por um modificador ( $\sigma, \Sigma$ ) e/ou um operador ( $\pi, \Pi$ ) e ter ainda uma função ( $\varphi, \Phi$ ). Os núcleos e os modificadores são lexicais, enquanto os operadores e as funções são gramaticais, sendo as funções de carácter relacional, ou seja, elas estabelecem relação entre unidades dispostas numa mesma camada. Assim, a representação geral das camadas dentro dos níveis é como (8), sendo “v” a variável da camada relevante.

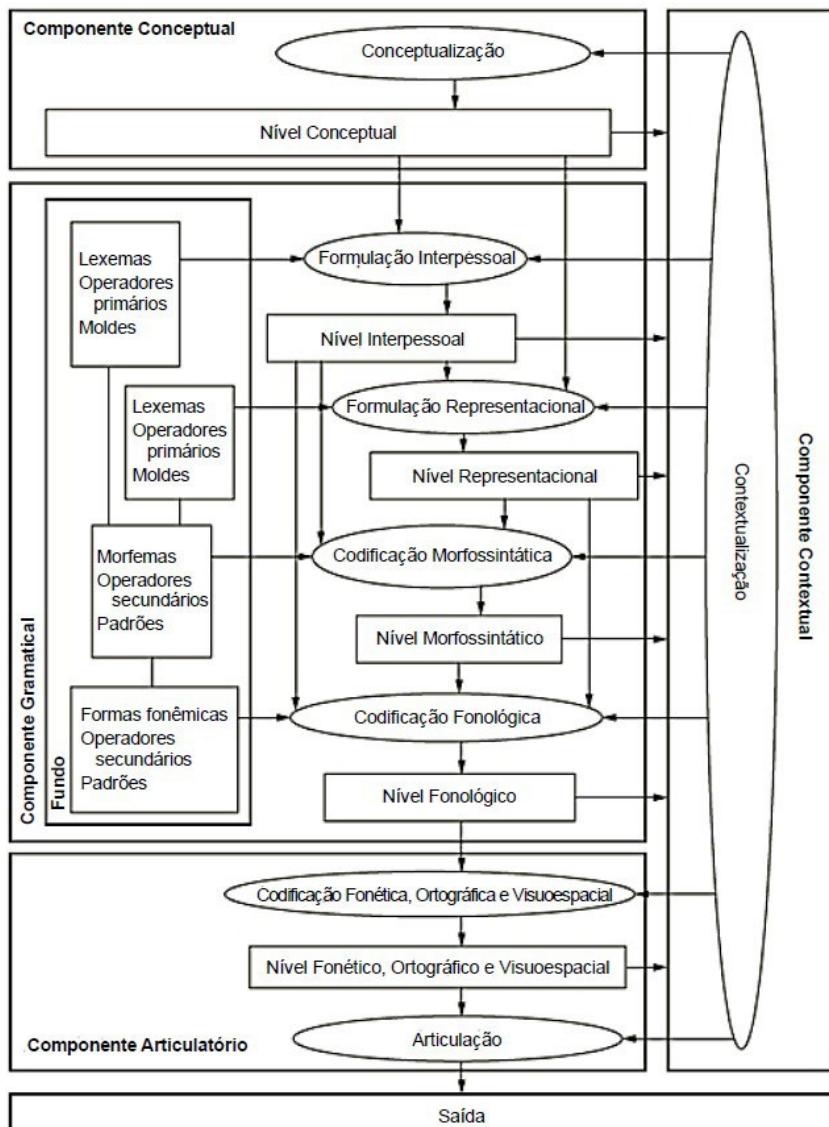
$$8. \quad (\pi v_i; h(v_i); \sigma(v_i))_\varphi$$

Como mostra a Figura 1, o modelo da GDF apresenta uma arquitetura modular com organização descendente, ou seja, da intenção para a forma das expressões linguísticas, direção “motivada pela suposição de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização assemelhar-se ao processamento de língua no indivíduo” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 1-2, tradução própria)<sup>5</sup>, alcançando, assim, adequação psicológica, como demonstram estudos psicolinguísticos (e.g., Levelt, 1989).

---

5 No original: “[...] motivated by the assumption that a model of grammar will be more effective the more its organization resembles language processing in the individual.”

**Figura 1.** Arquitetura geral da Gramática Discursivo-Funcional



**Fonte:** Adaptado de Hengeveld, Keizer e Giomi (em preparação)<sup>6</sup>.

Convém ressaltar que a GDF é “um modelo de intenções e conceptualizações codificadas” (cf. Hengeveld, 2004, p. 366-377; Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 2), e não um modelo de produção da linguagem, como o de Levelt (1989). Assim, o objetivo da GDF é entender como as expressões linguísticas são estruturadas de acordo com as intenções comunicativas e o mundo que descrevem, modelando-as numa “implementação dinâmica” (cf. Bakker; Siewierska, 2004). Nesse sentido, a GDF é um modelo de padronização, e não um modelo

6 A adaptação consiste na tradução do original inglês para o português.

de processo da língua, embora inspirado pelo processo, sem, contudo, formalizá-lo (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 24).

Por ter organização descendente e ser um modelo orientado pelo discurso, a GDF assume o Nível Interpessoal como hierarquicamente acima dos outros níveis e, desse modo, alcança adequação pragmática, como preconiza Dik (1997a, 1997b) em seus princípios de adequação explanatória. Disso, decorre a organização do Componente Gramatical, em que a pragmática governa a semântica, ambas governam a morfossintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governam a fonologia, como ilustrado na Figura 1. Assim, “a GDF leva a abordagem funcional de língua ao seu extremo lógico” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 13, tradução própria)<sup>7</sup>, já que a postura funcionalista implica a “hipótese de que as categorias formais podem ser criteriosamente explicadas se consideradas em correspondência com as categorias semânticas e pragmáticas originadas na cognição humana e na comunicação inter-humana” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 48), correlacionando as funções às estruturas, ambas sedimentadas no repertório da língua ao longo dos tempos como primitivos das operações de formulação e de codificação.

A GDF assume uma abordagem “função-para-forma” orientada para a forma (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 38-39). É orientada para a forma porque descreve apenas os fenômenos interpessoais e representacionais que são refletidos morfossintáticamente e/ou fonologicamente e é “função-para-forma” porque explica a codificação morfossintática e fonológica com base nas estruturas pragmáticas e semânticas subjacentes, que, por sua vez, modulam as intenções comunicativas do Falante.

## O Ato Discursivo

O Ato Discursivo é a unidade básica de análise da GDF e define-se como a menor unidade identificável de comportamento comunicativo, que se constitui de, no máximo, quatro componentes: Ilocução (F), Falante (P)<sub>S</sub>, Ouvinte (P)<sub>A</sub> e Conteúdo Comunicado (C). Enquanto a Ilocução atribui usos interpessoais convencionalizados a Atos Discursivos na consecução de uma intenção comunicativa do Falante, um Conteúdo Comunicado contém a totalidade do que o Falante deseja evocar do mundo externo na comunicação com o Ouvinte.

Atos Discursivos que contêm apenas Ilocução e Falante são chamados de Expressivos, pois expressam sentimentos do Falante em vez de comunicar algum conteúdo ao Ouvinte, como a interjeição “ai” de dor em (9).

---

7 No original: “FDG takes the functional approach to language to its logical extreme.”

9. Ai!

NI:  $(A_i; [(F_i; \neg ai - (F_i)) (P_j)_s] (A_i))$

Um Ato Discursivo pode, ainda, ser Interativo e conter também o Ouvinte, caso em que o Ato Discursivo é expresso por uma interjeição que representa uma expressão socialmente dirigida, como exemplifica (10).

10. Parabéns!

NI:  $(A_i; [(F_i; \neg parabéns - (F_i)) (P_j)_s (P_j)_a] (A_i))$

Em (10), “parabéns” é um Ato Discursivo Interativo que não tem Conteúdo Comunicado, mas, ao contrário dos Expressivos, os Interativos podem veicular um Conteúdo Comunicado, caso em que são Interativos de Conteúdo, como (11).

11. Parabéns por passar no vestibular!

NI:  $(A_i; [(F_i; \neg parabéns - (F_i)) (P_j)_s (P_j)_a (C_i; \neg passar no vestibular - (C_i))] (A_i))$

Em (11), a expressão socialmente dirigida “parabéns” é responsável pela intenção comunicativa de congratular o Ouvinte, ao passo que o Conteúdo Comunicado contém o fato pelo qual o Falante expressa congratulações ao Ouvinte.

Já em (12),  $A_i$  apresenta Ilocução abstrata, Declarativa (DECL), ou seja, tem o objetivo de informar o Ouvinte sobre o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado.

12. (Eu declaro que) Eu não confio neste governador.

NI:  $(A_i; [(F_i; DECL (F_i)) (P_j)_s (P_j)_a (C_i; \neg eu não confio neste governador - (C_i))] (A_i))$

A representação não instanciada do Ato Discursivo é oferecida em (13), em que os constituintes obrigatórios do Ato Discursivo são a Ilocução e o Falante, já que um Ato Discursivo necessariamente satisfaz uma intenção comunicativa do Falante, mas nem sempre prevê a comunicação de algo ao Ouvinte. Já a representação do Ato Discursivo a depender de sua Ilocução e das unidades que o compõem é apresentada no Quadro 1.

13.  $(\prod A_1; [(F_1) (P_1)_s \{(P_2)_a\} \{(C_1)\}] (A_1); \Sigma (A_1))_\phi$

**Quadro 1.** Tipo de Ato Discursivo de acordo com as unidades que o compõem

<i>Tipo de Ato Discursivo</i>	<i>Representação não instanciada</i>
Expressivo	(A <sub>1</sub> : [(F <sub>1</sub> : (D <sub>1</sub> ) (F <sub>1</sub> )) (P <sub>1</sub> ) <sub>S</sub> ] (A <sub>1</sub> ))
Interativo	(A <sub>1</sub> : [(F <sub>1</sub> : (D <sub>1</sub> ) (F <sub>1</sub> )) (P <sub>1</sub> ) <sub>S</sub> (P <sub>2</sub> ) <sub>A</sub> ] (A <sub>1</sub> ))
Interativo de Conteúdo	(A <sub>1</sub> : [(F <sub>1</sub> : (D <sub>1</sub> ) (F <sub>1</sub> )) (P <sub>1</sub> ) <sub>S</sub> (P <sub>2</sub> ) <sub>A</sub> (C <sub>1</sub> )] (A <sub>1</sub> ))
de Conteúdo	(A <sub>1</sub> : [(F <sub>1</sub> : ILL/(D <sub>1</sub> ) (F <sub>1</sub> )) (P <sub>1</sub> ) <sub>S</sub> (P <sub>2</sub> ) <sub>A</sub> (C <sub>1</sub> )] (A <sub>1</sub> ))

**Fonte:** Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 64).<sup>8</sup>

Conforme o Quadro 1, a Ilocução do Ato Discursivo de Conteúdo pode ser lexical (D<sub>1</sub>) ou abstrata (ILL). O último caso é tratado em mais detalhes na seção a seguir.

## As Ilocuções abstratas do PB

As Ilocuções abstratas, também chamadas de Ilocuções prontas por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 70), são definidas como “uma coincidência de estrutura gramatical e uso conversacional convencional” (Sadock; Zwicky, 1985, p. 155, tradução própria)<sup>9</sup>. Existem vários tipos de Ilocuções abstratas, que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), são: Declarativa (DECL); Interrogativa Polar (INTER<sub>P</sub>), Interrogativa de Conteúdo (INTER<sub>C</sub>); Imperativa (IMP); Proibitiva (PROH); Optativa (OPT); Imprecativa (IMPR); Exortativa (HORT), Dexortativa (DISHORT); Admoestativa (ADMON); Comissiva (COMM); Suplicativa (SUPPL); e Exclamativa (EXCL)<sup>10</sup>.

Nem toda língua dispõe de primitivos gramaticais que codificam todas as Ilocuções abstratas. Nesse caso, as Ilocuções abstratas não distinguidas são expressas por meios lexicais ou por outras Ilocuções abstratas. No PB, apenas as Ilocuções Declarativa, Exclamativa, Optativa, Interrogativa (Polar e de Conteúdo), Imperativa e Exortativa têm primitivos gramaticais correspondentes. As cinco primeiras são Ilocuções Proposicionais, ao passo que as duas últimas são Comportamentais.

8 Além da organização dos tipos de Atos Discursivos num quadro, a adaptação consiste na inserção da Ação Lexical (D), proposta por Giomi (2020), no núcleo da Ilocução, quando é expressa por verbos performativos em Atos Discursivos de Conteúdo ou por interjeições em outros tipos de Ato Discursivo.

9 No original: “[...] a coincidence of grammatical structure and conventional conversational use.”

10 Hengeveld e Mackenzie (2008) denominam a Ilocução Exclamativa de Mirativa. Posteriormente, no entanto, Olbertz (2012) e Hengeveld e Olbertz (2012) reconhecem que a miratividade é uma categoria utilizada em Atos Discursivos com diferentes Ilocuções, não sendo, portanto, uma Ilocução *per se*, e admitem a existência da Ilocução Exclamativa.

A Ilocução Declarativa informa o Ouvinte de uma proposição evocada pelo Conteúdo Comunicado. No PB, essa Ilocução é codificada no Nível Fonológico por um contorno entonacional descendente, desencadeado pelo operador fonológico *Falling* na camada da Frase Entonacional. Um exemplo de Ato Discursivo Declarativo é (14).

14. Marçal pagará pelos seus crimes.

(Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2024/noticia/2024/10/05/boulos-diz-que-vai-pedir-prisao-e-cassacao-de-marcal-apos-adversario-divulgar-suposto-laudo-sobre-drogas.ghtml>. Acesso em: 13 set. 2025.)

NI: (A<sub>i</sub>; [(F<sub>i</sub>; DECL (F<sub>i</sub>)) (P<sub>j</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>; –Marçal pagará pelos seus crimes– (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))

A Ilocução Exclamativa, por sua vez, manifesta uma “avaliação pessoal” (Olbertz, 2012, p. 80) do Falante em relação ao Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado. No PB, essa Ilocução é codificada por um operador morfossintático que, no Nível Fonológico, recebe a forma fonêmica de palavras-QU no início do enunciado, como “que” em (15).

15. Que discurso maravilhoso que a senhora fez na sua tribuna.

(Disponível em: <https://www.camaracaxias.rs.gov.br/atividadelegislativa/listarOrdem/3058>. Acesso em: 13 set. 2025.)

NI: (A<sub>i</sub>; [(F<sub>i</sub>; EXCL (F<sub>i</sub>)) (P<sub>j</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>; –discurso maravilhoso que [...] tribuna– (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))

Já com a Ilocução Optativa, o Falante indica ao Ouvinte o seu desejo de que a situação evocada pelo Conteúdo Comunicado se concretize, como em (16). Essa Ilocução, no PB, é codificada pela Palavra Gramatical “que” no início da Oração somada ao Afixo verbal do modo do subjuntivo. O sentido optativo também é expresso por Atos Discursivos Interativos cujas interjeições são “oxalá” ou “tomara”, podendo ou não ser desenvolvidas por Conteúdos Comunicados.

16. Que Fernanda Torres ganhe.

(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qfa0Y-Ec840>. Acesso em: 13 set. 2025.).

NI: (A<sub>i</sub>; [(F<sub>i</sub>; OPT (F<sub>i</sub>)) (P<sub>j</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>; –Fernanda Torres ganhe– (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))

As Ilocuções Declarativa, Optativa e Exclamativa são Ilocuções Proposicionais informativas. Com relação às Ilocuções Proposicionais de questionamento, o PB dispõe tanto da Ilocução Interrogativa Polar como da de Conteúdo. A Ilocução Interrogativa Polar, de que a ocorrência em (17) é exemplo, serve para que o Falante solicite ao Ouvinte uma resposta do tipo “sim” ou “não” para o Conteúdo Proposicional evocado pelo

Conteúdo Comunicado. Essa Ilocução, graficamente marcada pelo sinal de interrogação, é codificada no PB por operadores fonológicos específicos.<sup>11</sup>

17. O trabalho realmente significa o homem?

(Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/o-trabalho-realmente-dignifica-homem-luciele-santana-yymif/>. Acesso em: 13 set. 2025.)

NI: (A<sub>i</sub>; [(F<sub>i</sub>; INTER<sub>P</sub> (F<sub>i</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>; –O trabalho realmente significa o homem– (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))

Na Ilocução Interrogativa de Conteúdo, por sua vez, o Falante também requer do Ouvinte uma resposta para o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado, mas essa resposta implica a evocação de uma informação que atualize a informação pragmática disponível ao Ouvinte. No exemplo em (18), essa informação é o tempo em que a floresta amazônica perderá sua capacidade de autorregeneração.

18. *Quando seria, numa estimativa em anos, esse ponto de não-retorno?*

(Disponível em: <https://www.ufes.br/conteudo/entrevista-carlos-nobre-afirma-que-mudancas-climaticas-sao-o-maior-desafio-da-humanidade>. Acesso em: 13 set. 2025.)

NI: (A<sub>i</sub>; [(F<sub>i</sub>; INTER<sub>C</sub> (F<sub>i</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>; –quando seria esse ponto de não-retorno– (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))

A Ilocução Interrogativa de Conteúdo é mapeada, no PB, nos dois níveis de codificação. No Nível Morfossintático, um operador morfossintático é acionado, assumindo a forma de pronomes interrogativos, como “quando” em (18). No Nível Fonológico, por sua vez, a expressão linguística é especificada por operadores fonológicos específicos.<sup>12</sup>

No que se refere às Ilocuções Comportamentais, o PB apresenta apenas as Ilocuções Imperativa e Exortativa. Por meio da Ilocução Imperativa, o Falante orienta o Ouvinte a realizar a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado. Essa Ilocução é marcada pela não expressão do sujeito, pela linearização do Síntagma Verbal na posição inicial da Oração e, em alguns casos, pelo Afíxo do modo imperativo da terceira pessoa do singular, como o Afíxo “-a” no verbo “faça” em (19).

---

11 Não se define aqui quais operadores fonológicos e que camadas eles especificam porque sentenças interrogativas polares do PB apresentam variação dialetal em seus contornos entonacionais. Silva (2011), por exemplo, descreve esses contornos como ascendente (L+H\*— L+!H\*H%) nas regiões norte e nordeste e como circunflexo (L+!H\* — L+H\*L%) nas regiões centro-oeste, sudeste e sul do Brasil.

12 Assim como as sentenças interrogativas polares, as de conteúdo também apresentam variação dialetal em seus contornos entonacionais.

19. O lixo é seu. *Faça coleta seletiva*: condição para um mundo melhor.  
(Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/40069654>. Acesso em: 13 set. 2025.)  
NI: (A<sub>i</sub>; [(F<sub>i</sub>; IMP (F<sub>i</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>; –faça coleta seletiva– (C<sub>j</sub>))] (A<sub>j</sub>))

Por fim, ao utilizar a Ilocução Exortativa, o Falante encoraja a si mesmo ou a si e ao Ouvinte ao mesmo tempo a realizar a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado, como a ação descrita em (20). A Ilocução Exortativa, assim como a Imperativa, é codificada pela não expressão do sujeito, pela linearização do Síntagma Verbal na posição inicial da Oração e pelo Afixo do modo imperativo, mas da primeira pessoa do plural, como em (20).

20. Sigamos juntos e firmes na greve!  
(Disponível em: <https://sindppd-rs.org.br/greve-na-procergs-ninguem-esta-sozinho-porque-nossa-luta-e-coletiva-sigamos-juntos-e-firmes-na-greve/>. Acesso em: 13 set. 2025.)  
NI: (A<sub>i</sub>; [(F<sub>i</sub>; HORT (F<sub>i</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>; –sigamos juntos e firmes na greve– (C<sub>j</sub>))] (A<sub>j</sub>))

Na seção a seguir, descreve-se a A-negação no PB.

## A negação de Ato Discursivo no PB: análise e discussão de dados

O objetivo deste trabalho é analisar e descrever as propriedades funcionais e formais da A-negação no PB. Sabe-se, por Hengeveld e Mackenzie (2018), conforme mostrado anteriormente, que a A-negação é um Ato Discursivo. No entanto, os autores não especificam a unidade, **núcleo do Ato Discursivo**, que “não” compõe.

Se “não” compusesse o núcleo de um Conteúdo Comunicado, deveria ser possível reportar sua fonte a outrem, mas, como mostra o teste em (21), isso não é possível, porque não há ações (Subatos) que evoquem uma imagem do mundo, ou seja, não é formulado um Conteúdo Comunicado. Reportar o “não” que expressa Rejeição não é possível.

21. A: Vá para casa!  
B: [\*Diz que] não!

No núcleo do Ato Discursivo da A-negação, “não” se insere na Ilocução. Uma Ilocução é responsável por atribuir, aos Atos Discursivos, usos interpessoais convencionalizados na consecução de uma intenção comunicativa (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 69), podendo seu núcleo ser preenchido por uma Ação Lexical (D), “um lexema inserido em uma determinada posição da estrutura pragmática que equivale a uma ação comunicativa

executada pelo Falante” (Giomi, 2020, p. 47, tradução própria)<sup>13</sup>, como “saúde”, um lexema que, no Nível Representacional, descreve um estado de bem-estar e equilíbrio físico, mental e psicológico, mas, quando utilizado como uma Ação Lexical, é uma expressão social interativa dirigida a alguém que, por exemplo, espirrou.

A mesma posição na estrutura pragmática ocupa “não” da A-negação. Assim, a A-negação é formulada conforme representado em (22), um Ato Discursivo Interativo.

22. (A<sub>i</sub>: [(F<sub>i</sub>: (D<sub>i</sub>: /'nawn/ (D<sub>i</sub>)) (F<sub>i</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>2</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>i</sub>))

Os dados coletados demonstram que a A-negação não é utilizada para rejeitar apenas Atos Discursivos de Ilocução Imperativa. Observar a inexistência dessa restrição é importante porque Hengeveld e Mackenzie (2018) exemplificam a Rejeição apenas a Atos Discursivos com Ilocução Imperativa, mas, como se vê na ocorrência (23), a A-negação também rejeita Atos Discursivos Declarativos.

23. [E]le descobriu na hora que era a primeira vez que o músico dirigia. “Ele está aprendendo ainda, ele vai melhorar”, soltou Sorocaba. “**Não**, não fala isso! Você tá louco?”, soltou Thiago, com medo.

(Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/thiago-oliveira-leva-susto-em-fazenda-do-cantor-sorocaba-nao-sabem-brincar-101709>. Acesso em: Acesso em: 13 set. 2025.)

NI: (A<sub>i</sub>: [(F<sub>i</sub>: DECL (F<sub>i</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>: –ele está aprendendo ainda– (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))  
(A<sub>j</sub>: [(F<sub>j</sub>: (D<sub>j</sub>: /'nawn/ (D<sub>j</sub>)) (F<sub>j</sub>)) (P<sub>j</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>j</sub>))

Em (23), rejeita-se a declaração “ele está aprendendo ainda”. Nesse caso, P<sub>j</sub> não coloca em questão a verdade dessa declaração, mas sim sua aceitabilidade, já que, para P<sub>j</sub>, saber que condutor do veículo ainda não domina totalmente a técnica de dirigir é indesejado e, por isso, P<sub>j</sub> rejeita que isso lhe seja declarado, rejeição, inclusive, explicitada pelo Ato Discursivo “não fala isso”, subsequente ao Ato Discursivo Interativo “não”. Por tratar-se de A-negação, “não”, em (23), pode ser substituído por “nem vem”, inclusive.

O que os exemplos em (21) e (23) têm em comum é que, em ambos, nega-se a relação que se estabelece entre os componentes do Ato Discursivo rejeitado, um Imperativo e outro Declarativo, respectivamente. Nesse sentido, é negado ao interlocutor a aplicação de uma força ilocucionária a um determinado Conteúdo Comunicado.

---

13 No original: “[...] a lexeme inserted in a given position o pragmatic structure amounts to a communicative action that is performed by the speaker.”

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008) e Hengeveld e Keizer (2025), a Ilocução é entendida como o predicado, núcleo do Ato Discursivo, que tem como argumentos o Conteúdo Comunicado e os dois Participantes do discurso. Assim, na A-negação, o Falante nega a aceitabilidade da relação de predicado-argumento entre os componentes de um Ato Discursivo proferido anteriormente. É precisamente por esse motivo que a A-negação pode negar Atos Discursivos com todos os tipos de Ilocução. As ocorrências (24) e (25) exemplificam, respectivamente, casos de Atos Discursivos com Ilocução Interrogativa e Exclamativa rejeitados.

24. – *Quem é a mulher da relação?*

– **Não.** São dois homens, não tem mulher na relação!

(Disponível em: [https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/11457/1/DISSERTACAO\\_FINAL\\_RAYANNI\\_SAMPAIO\\_TEIXEIRA%20%281%29.pdf](https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/11457/1/DISSERTACAO_FINAL_RAYANNI_SAMPAIO_TEIXEIRA%20%281%29.pdf). Acesso em: 13 set. 2025.)

NI: (A<sub>i</sub>; [(F<sub>i</sub>; INTER<sub>c</sub> (F<sub>i</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>; –quem é a mulher da relação– (C<sub>i</sub>))] (A<sub>j</sub>))

(A<sub>j</sub>; [(F<sub>j</sub>; (D<sub>j</sub>; /'nawn/ (D<sub>j</sub>)) (P<sub>j</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>j</sub>))

25. – *Bah! Que uísque ruim é esse!*

– **Não**, não diga isso. Não existe uísque RUIM, mas alguns são melhores que outros.

(Disponível em: <https://helenablavatsky.com.br/biografia/william-rudolf-odonovan/>. Acesso em: 13 set. 2025.)

NI: (A<sub>i</sub>; [(F<sub>i</sub>; EXCL (F<sub>i</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>; –uísque ruim é esse– (C<sub>i</sub>))] (A<sub>j</sub>))

(A<sub>j</sub>; [(F<sub>j</sub>; (D<sub>j</sub>; /'nawn/ (D<sub>j</sub>)) (P<sub>j</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>j</sub>))

Em tese, qualquer tipo de Ato Discursivo pode ser negado, até mesmo o que não apresenta um Conteúdo Comunicado, como Atos Discursivos Interativos, representados por expressões socialmente dirigidas, como “muito obrigado” em (26), em que P<sub>j</sub>, ao proferir “não”, mostra que considera inapropriada a relação de predicado-argumento entre a Ilocução de agradecimento e os Participantes (Falante e Ouvinte).

26. – Agora eu sei que posso contar com vocês para tudo, absolutamente tudo mesmo. *Muito obrigado!* [...]

– **Não...** não precisa agradecer.

(Disponível em: <https://encurtador.com.br/QsTT>. Acesso em: 13 set. 2025.)

NI: (A<sub>i</sub>; [(F<sub>i</sub>; (D<sub>i</sub>; /obri'gad/- D<sub>i</sub>); (D<sub>j</sub>; /'muito/ (D<sub>j</sub>)) (D<sub>j</sub>)) (F<sub>i</sub>) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>j</sub>))

(A<sub>j</sub>; [(F<sub>j</sub>; (D<sub>k</sub>; /'nawn/ (D<sub>k</sub>)) (F<sub>j</sub>)) (P<sub>j</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>j</sub>))

Os únicos Atos Discursivos que não podem ser rejeitados são os Expressivos, que exprimem algum tipo de emoção do Falante, como “Ai!”, expressando dor em (27).

27. – *Ai!*  
– **\*Não.**

Os Expressivos não são heterorreacionados, condição necessária para o Ato Discursivo da A-negação, que ocorre em par dialógico, como a representação do molde interpessoal da A-negação em (28).

28. (M<sub>1</sub>: (A<sub>1</sub>: [(F<sub>1</sub>: (D<sub>1</sub>: /'nawn/ (D<sub>1</sub>)) (F<sub>1</sub>)) (P<sub>1</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>2</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>1</sub>)) (M<sub>1</sub>))

Como se nota em (28), o Ato Discursivo de A-negação constitui, por si só, um Movimento (M). Como Movimento, M<sub>1</sub> faz avançar a comunicação, podendo, por isso, ser usado independentemente, ou seja, é uma “unidade mínima livre de discurso” (cf. Kroon, 1995, p. 66), um enunciado completo, que preenche um turno de fala por si só, conforme mostram Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36).

O Movimento composto pela A-negação não apresenta nenhum conteúdo semântico, já que a A-negação não é descritiva, mas acional, não sendo, portanto, submetida a condições de verdade. Assim, a A-negação não é formulada no Nível Representacional e tampouco codificada no Nível Morfossintático, visto que, com “não”, não ocorre processo morfossintático, como concordância ou derivação. Há, portanto, entre os níveis Interpessoal e Representacional/Morfossintático, uma relação de discrepância (*mismatch*) um-para-zero. A A-negação é inserida em sua forma fonêmica no Nível Interpessoal e mandada para o Fonológico para sua codificação prosódica, o que é explicado pelo princípio da Profundidade Máxima, que evita a especificação vazia de níveis de representação que são irrelevantes para a produção de uma expressão linguística.

Devido à ausência de dados orais, para a descrição fonológica da A-negação, recorre-se aos resultados obtidos por Galvão Passetti (2023). Nesse trabalho, um informante produz “não” para diferentes papéis na interação verbal.<sup>14</sup> A partir desse estudo, verifica-se que a A-negação é a única que apresenta dois picos e um vale de frequência fundamental (F0). O movimento LHLHL de F0 desses casos é mostrado no Gráfico 1.<sup>15</sup> A curva de F0 de uma ocorrência, transcrita em (29), que tem o padrão ilustrado pelo Gráfico 1, é apresentada pelo Gráfico 2.<sup>16</sup>

---

14 Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 73430623.0.0000.5466. Parecer nº 6.570.410.

15 No Gráfico 1, o eixo das abscissas corresponde à passagem do tempo e não é indicado porque os picos e vales de F0 não ocorrem ao mesmo tempo em cada ocorrência. *L* corresponde a *low* (baixo) e *H*, a *high* (alto).

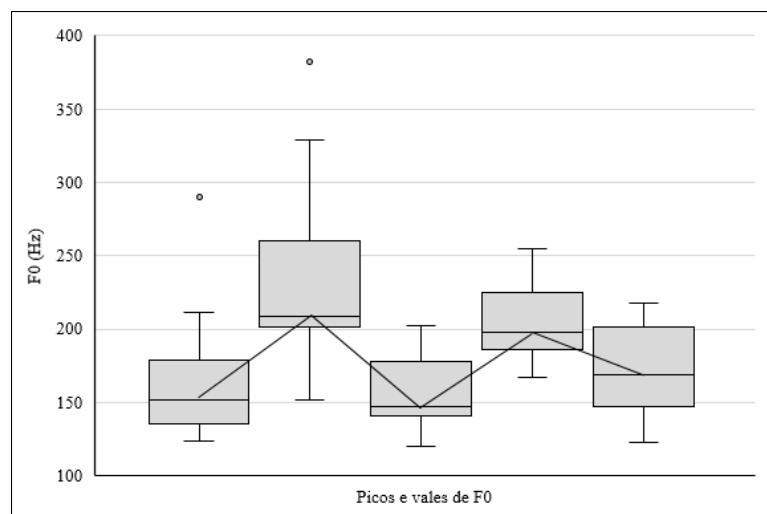
16 Galvão Passetti (2025) identifica padrões entonacionais distintos na rejeição de Atos Discursivos com Ilocuções Comportamentais, como a Imperativa exemplificada em (29), e na de Atos Discursivos com Ilocuções Proposicionais, como a Declarativa.

29. Contexto: Você (B) e um amigo (A) estão em uma festa. Você está desanimado e, por isso, está sentado. Seu amigo lhe ordena:

A: Levanta!

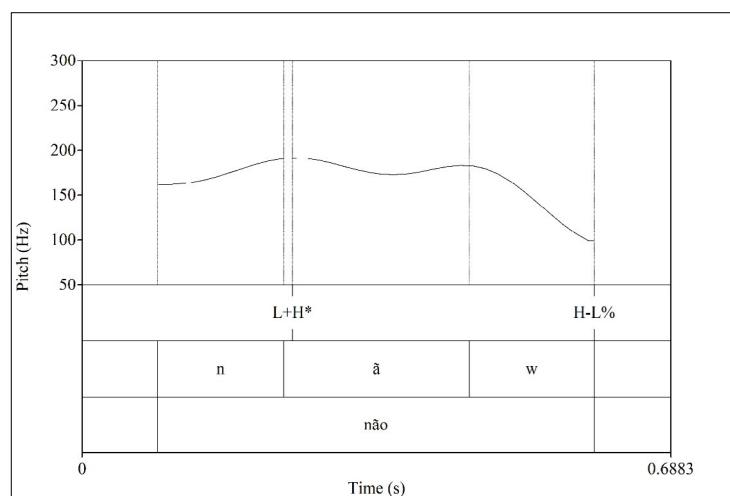
B: Não!

**Gráfico 1.** Movimento de F0 dos casos de A-negação analisados



**Fonte:** Galvão Passetti (2023, p. 24).

**Gráfico 2.** Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos de “não” da ocorrência em (29)



**Fonte:** Elaboração própria.<sup>17</sup>

17 Gráfico gerado por meio do Praat®, versão 6.3.18 (Boersma; Weenink, 2023), utilizando o sistema de notação ToBI (*Tones and Break Indices*) (Beckman; Hirschberg; Shattuck-Hufnagel, 2006).

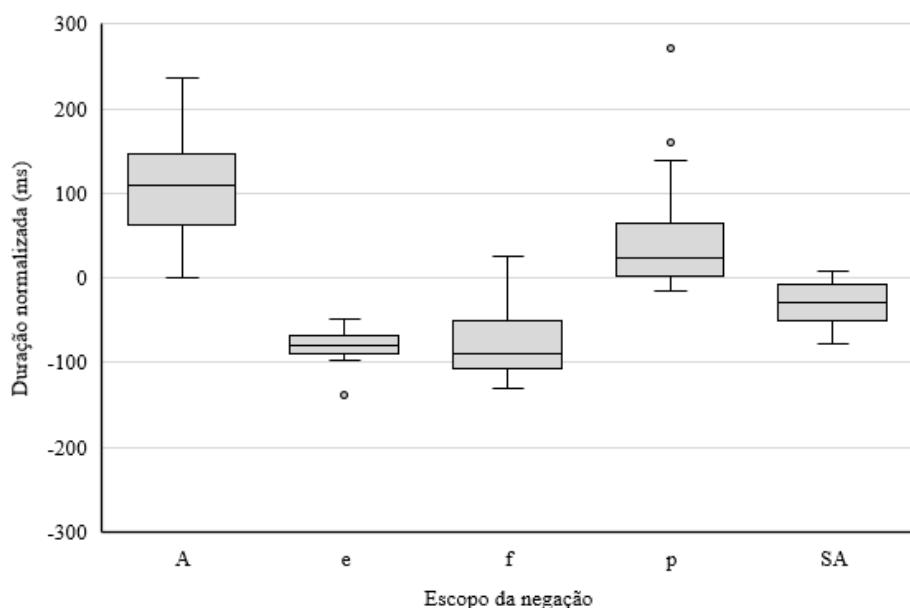
O primeiro pico de F0 corresponde ao acento de tom L+H\* e o segundo pico, ao acento frasal H-. Ambos são desencadeados pelo operador *Rising* (r), restringindo a camada da Frase Fonológica (PP). Por fim, o operador *Falling* (f) na camada da Frase Entonacional (IP) é o responsável pelo tom de fronteira L%, que determina a direção final descendente. Esse operador, por especificar a camada da Frase Entonacional, governa globalmente o movimento de F0 e, por isso, também é o responsável pelo vale que se realiza na vogal “ã” de “não”.

Desse modo, a representação da A-negação no Nível Fonológico é como em (30).

30.  $(U_1: (f \text{ IP}_1: (r \text{ r PP}_1: (PW_1: -/nawn/- (PW_1)) (PP_1)) (IP_1)) (U_1))$

Para abrigar todos esses eventos tonais, a duração de “não” que codifica a A-negação é maior frente aos outros tipos de negação. A duração normalizada da realização de “não” é comparada no Quadro 3, de acordo com cada escopo.

**Gráfico 3.** Duração normalizada de “não” por escopo da negação



**Fonte:** Galvão Passetti (2023, p. 18)

Sob a perspectiva da Fonologia Prosódica (Nespor; Vogel, 2007), pode-se dizer que a duração maior de “não” que nega Ato Discursivo é explicada pelo acento frasal principal de sentença, já que “não”, nesses casos, constitui Frase Entonacional que compõe, sozinha, um Enunciado, o que bloqueia o processo de redução fonética de “não” para “num”, “nu” ou “n”, de modo que “não” tenha acento primário, representado em (31) pelo operador *Stress* (s), aplicado tanto à camada da Sílaba como à do Pé.

31. (U<sub>1</sub>: (f IP<sub>1</sub>: (r r PP<sub>1</sub>: (PW<sub>1</sub>: (s F<sub>1</sub>: (s s<sub>1</sub>: /nawn/ (s<sub>1</sub>) (F<sub>1</sub>)) (PW<sub>1</sub>)) (PP<sub>1</sub>)) (IP<sub>1</sub>)) (U<sub>1</sub>))

A representação em (31) é o padrão fonológico instanciado acionado pela A-negação. Enquanto U<sub>1</sub> mapeia o Movimento, IP<sub>1</sub> codifica o Ato Discursivo Interativo “não” formulado no Nível Interpessoal. Essas e outras relações de correspondência entre os níveis, assim como as conclusões da análise da A-negação, são dadas a seguir.

## Considerações finais

As relações de correspondência entre os níveis de formulação e os de codificação na A-negação são representadas na Figura 2.

**Figura 2.** Correspondência entre os níveis de formulação e os de codificação na negação de Ato Discursivo

NI:	(M <sub>1</sub> : (A <sub>1</sub> : [(F <sub>1</sub> : (D <sub>1</sub> : /'nawN/ (D <sub>1</sub> )) (F <sub>1</sub> )) (P <sub>1</sub> ) <sub>S</sub> (P <sub>2</sub> ) <sub>A</sub> ] (A <sub>1</sub> )) (M <sub>1</sub> ))	↓
NF:	(U <sub>1</sub> : (f IP <sub>1</sub> : (r r PP <sub>1</sub> : -/'nawN/- (PP <sub>1</sub> )) (IP <sub>1</sub> )) (U <sub>1</sub> ))	↓

**Fonte:** Elaboração própria.

As hipóteses foram confirmadas e os resultados da análise da A-negação são summarizados a seguir:

- (i) No Nível Interpessoal, a A-negação ocorre no par dialógico Falante-Ouvinte. No PB, ela é formulada como um Ato Discursivo Interativo cuja Ilocução é preenchida pelo Lexema Acional “não”. Esse Ato Discursivo Interativo compõe um Movimento por si só e rejeita outro Ato Discursivo anteriormente executado no discurso, servindo à estratégia de reprovar sua enunciação, já que o Participante considera não aceitável a relação de predicado-argumento que há entre a Ilocução e os outros componentes do Ato Discursivo rejeitado, que pode ser de qualquer tipo, exceto Expressivo.
- (ii) No Nível Representacional, a A-negação não é formulada, uma vez que essa negação é estritamente acional e não descriptiva. Isso significa que há uma discrepância entre os níveis de formulação, numa relação um-para-zero.
- (iii) No Nível Morfossintático, assim como no Representacional, há uma discrepância estabelecida com o Nível Interpessoal, tendo em vista que a A-negação é diretamente codificada no Nível Fonológico.

(iv) No Nível Fonológico, por fim, o item negativo “não” constitui, em última instância, um Enunciado, que mapeia um Movimento no Nível Interpessoal. Esse Enunciado é composto por uma Frase Entonacional, que apresenta o contorno nuclear  $L+H^* H-L%$ , desencadeado pelos operadores *Rising* (acento frasal  $H$ - e acento de tom  $L+H^*$ ), que especificam duplamente a camada da Frase Fonológica, e pelo operador *Falling* (tom de fronteira  $L%$ ), aplicado à Frase Entonacional. Além disso, na A-negação, “não” não sofre processo de redução fonética, já que é a única Sílaba de uma Frase Fonológica. O contorno nuclear dessa Frase Fonológica garante a distinção da A-negação de outras formas negativas no PB.

Por fim, esta análise apura a descrição da A-negação oferecida por Hengeveld e Mackenzie (2018), especificando o componente em que é formulada a negação dentro do Ato Discursivo, qual seja, a Ilocução, nucleada pela Ação Lexical “não”. Além disso, fica evidenciado que a A-negação não rejeita apenas Atos Discursivos com Ilocução Imperativa, mas uma série de tipos de Atos Discursivos.

Com isso, propõe-se uma definição mais precisa e abrangente dessa negação acional. Se, antes, ela era conceituada – ao menos implicitamente –, por Hengeveld e Mackenzie (2018), como a rejeição de um Ato Discursivo especificamente Imperativo, rejeição justificada pela relação assimétrica entre os Participantes do discurso ( $P_2$  considera que  $P_1$  não está em posição de lhe dar uma ordem), a A-negação, agora, é definida como a rejeição de um Ato Discursivo anteriormente proferido por  $P_1$ , já que  $P_2$  considera não aceitável a relação de predicado-argumento entre os componentes do Ato Discursivo rejeitado. Em outras palavras,  $P_2$  (Ouvinte – argumento) entende ser inapropriado  $P_1$  (Falante – argumento) dirigir-lhe um ato de fala com determinada força ilocucionária (Ilocução – predicado) aplicada a uma determinada mensagem (Conteúdo Comunicado – argumento).

Espera-se que esses resultados estimulem pesquisas sobre essa negação acional em outras línguas, no contexto de uma abordagem discursivo-funcional da gramática.

## **Agradecimentos**

Agradecemos ao Concelho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento (GD/CNPq Proc. N. 140383/2021-2 e PQ/CNPq Proc. N. 305603/2021-3, bolsas concedidas ao primeiro e ao segundo autor, respectivamente), que permitiram a condução dessa pesquisa e a elaboração deste artigo.

## Referências

- ALTURO, N.; KEIZER, E.; PAYRATO, L. The interaction between context and grammar in Functional Discourse Grammar: Introduction. *Pragmatics*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 185-201, 2014.
- BAKKER, D.; SIEWIERSKA, A. Towards a speaker model of Functional Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (ed.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 325-364.
- BECKMAN, M. E.; HIRSCHBERG, J.; SHATTUCK-HUFNAGEL, S. The original ToBI system and the evolution of the ToBI framework. In: JUN, S-A. (ed.) *Prosodic typology: the phonology of intonation and phrasing*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 9-55.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: Doing Phonetics by Computer*. Version 6.3.18. 2023. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em: 11 out. 2023.
- BUTLER, C. S. Interpersonal meaning in the noun phrase. In: RIJKHOFF, J.; GARCÍA VELASCO, D. (ed.). *The Noun Phrase in Functional Discourse Grammar*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2008. p. 221-262.
- CONNOLLY, J. H. Context in Functional Discourse Grammar. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 11-33, 2007.
- DIK, S. C. *The theory of Funcional Grammar*. Part I: The scructure of the clause. Edição de Kess Hengeveld. 2. ed rev. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 1997a.
- DIK, S. C. *The Theory of Funcional Grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Edição de Kess Hengeveld. 2. ed rev. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 1997b.
- GALVÃO PASSETTI, G. H. *As funções de “não” na interação verbal e suas propriedades fonético-acústicas: uma análise sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional e da Teoria Acústica de Produção da Fala*: relatório final de pesquisa apresentado a Comitê de Ética em Pesquisa. São José do Rio Preto: UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto, 2023.
- GALVÃO PASSETTI, G. H. *A negação acional no português brasileiro sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*: assalto ao turno de fala e rejeição de ato de fala. 2025. 205 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2025.

GIOMI, R. *Shifting structures, contexts and meanings: a Functional Discourse Grammar account of grammaticalization*. 2020. Tese (Doutor em Linguística) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2020.

GONÇALVES, S. C. L. G. *Banco de dados Iboruna*: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>. Acesso em: 25 jan. 2024.

HENGEVELD, K. Epilogue. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (ed.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 365-378.

HENGEVELD, K.; KEIZER, E. General principles of linearization in Functional Discourse Grammar. In: WOLDE, E.; GIOMI, R.; HENGEVELD, K. (ed.). *Linearization in Functional Discourse Grammar*. Berlin; Boston: Mouton de Gruyter, 2025. p. 43-83.

HENGEVELD, K.; KEIZER, E.; GIOMI, R. *Layering in Functional Discourse Grammar*: The hierarchical structure of the language system. Oxford: Oxford University Press. (em preparação).

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática discursivo-funcional. Tradução Marize Mattos Dall'Aglio-Hattnher. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico*: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-85.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Grammar and context in Functional Discourse Grammar. *Pragmatics*, [S. I.], v. 24, n. 2, p. 203-227, 2014.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Negation in functional discourse grammar. In: KEIZER, E.; OLBERTZ, H. (org.). *Recent Developments in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 18-45.

HENGEVELD; K.; OLBERTZ, H. Didn't you know? Mirativity does exist! *Linguistic Typology*, [S. I.], v. 16, n. 3, p. 487-503, 2012.

HORN, L. R. *A natural history of negation*. Stanford, California: CSLI Publications, 2001.

KROON, C. *Discourse Particles in Latin*: a study of *nam*, *enim*, *autem*, *vero* and *at*. (Amsterdam Studies in Classical Philology 4). Amsterdam: Gieben, 1995.

LEVELT, W. J. M. *Speaking*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*: with a new foreword. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2007.

OLBERTZ, H. The place of exclamatives and miratives in grammar: a functional discourse grammar view. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 76-98, 2012.

SADOCK, J. M.; ZWICKY, A. M. Speech act distinctions in syntax. In: SHOPEN, T. (ed.). *Language Typology and Syntactic Description* (Vol. I: Clause Structure). Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 155-196.

SILVA, J. C. B. A Prosódia Regional em Enunciados Interrogativos Espontâneos do Português do Brasil. *Revista Gatilho*, [S. I.], v. 13, n. 1, p. 1-13, 2011.